

Portugueses no Brasil no pós-25 de Abril. Um testemunho contra os estereótipos Portuguese in Brazil after the 25th of April of 1974. A testimony against stereotypes

Mário Quartin Graça*

Até 1960, durante o período transatlântico da emigração, iniciado no século XIX, 80% dos emigrantes portugueses partiram rumo às Américas, a maioria com destino ao Brasil. Para isto contribuíram factores políticos, económicos ou sociais, de maior ou menor peso consoante o período da história. Este movimento decresceu na segunda metade do século XX, com o crescimento económico de países europeus no contexto pós-guerra, sobretudo França e Alemanha. A década de 1970 constitui uma excepção, quando, na sequência da revolução de Abril de 1974 e da descolonização em África, volta a aumentar o fluxo para o Brasil, com a entrada, segundo o IBGE, de cerca de 23.000 portugueses entre 1975-80, por motivos políticos ou de sobrevivência.

Aos movimentos migratórios são em geral associadas imagens e representações, quer na sociedade de destino, quer na sociedade de origem. Como exemplo deste processo, os portugueses que emigraram em massa para o Brasil entre 1861 e 1930 foram estigmatizados, na sociedade brasileira, como "intelectualmente pouco qualificados", como reconhece o IBGE: "Eram minhotos que, para sobreviver, dormiam na rua e procuravam ajuda de instituições de caridade", escreveu Raimundo da Cunha Mattos (cf. IBGE¹).

Outro exemplo deste processo de construção de imagens diz respeito à imigração "de excepção" ocorrida para o Brasil entre 1975 e 1980, recentemente objecto de uma crónica na revista *Sábado* (n.º 277, de 20 a 26 de Agosto de 2009). Anunciada na capa sob o título "A incrível vida dos milionários portugueses que fugiram para o Brasil", em consequência da Revolução do 25 de Abril de 1974, esta crónica, além de ilustrar a capacidade mediática de construção de estereótipos (desta vez pela sociedade de origem), faz-me recordar e deixar o testemunho de alguns aspectos desta história:

1º - Os milhares de compatriotas nossos, idos do continente, de Angola e de Moçambique, que se estabeleceram nas principais capitais ou se disseminaram pelo interior do Brasil foram, na sua imensa maioria, gente de negócios, alguns dos quais chegaram a ser presos em Portugal sem culpa formada, cujas empresas foram nacionalizadas ou ocupadas, proprietários de explorações agrícolas, cujas terras foram tomadas, ou de pequenos comércios ou indústrias destruídos, professores universitários afastados compulsivamente ou funcionários públicos objecto de processos de saneamento, ou ainda profissionais liberais que viram drasticamente reduzidos os seus proventos. Tratou-se, sim, de uma fuga à condenação de centenas de famílias que deixaram de ter como garantir minimamente o seu ganha-pão e que foram

*Emigrante no Rio de Janeiro de 1975 a 1980, conselheiro cultural da Embaixada de Portugal em Brasília entre 1980 e 1987.

procurar no Brasil, não um lugar ao sol, mas tentar poder sobreviver e assegurar a educação dos seus filhos.

2º - Tendo como únicos trunfos a experiência profissional e um ou outro conhecimento pessoal ou familiar, mas raros contactos nas suas áreas de trabalho, pois os portugueses da Europa ou de África viviam então voltados para dentro das suas fronteiras, sem se abrirem ao resto do mundo chegados ao Brasil lá foram obtendo empregos, estabelecendo parcerias empresariais, conseguindo financiamentos, começando a refazer as suas vidas, com maior ou menor êxito, beneficiado da aposta que os brasileiros resolveram fazer naquela nova vaga de portugueses, com um perfil intelectual e profissional muito diverso das anteriores vagas de imigrantes lusitanos. No entanto, na sua imensa generalidade vieram confirmar o conceito de trabalho, honradez e competência de que os nossos patrícios lá gozavam e acabaram por ser, em muitos sectores, uma significativa mais-valia para a vida brasileira do último quartel do século XX. E assim foi que, sem padrinhos nem trocas de favores, muitos granjearam posições de destaque como empresários, como altos executivos de grandes empresas, como professores universitários, como juristas, etc.

3º - Como sublinha a jornalista Vera Moura, autora da crónica, que se fixou apenas na vida, no Rio de Janeiro, das famílias portuguesas mais abastadas, “durante a semana, os mais velhos trabalhavam – e muito”. E só assim vieram a ter a possibilidade de vir a fazer uma vida divertida aos fins-de-semana aqueles que eram mais dados aos folguedos nocturnos ou a uma actividade social mais intensa. E os mais novos, esses estudavam nos melhores colégios onde, mesmo que com sacrifício dos que dispúnhamos de menos recursos, todos tentámos inscrever os nossos filhos. Em geral valeu-lhes uma óptima preparação para os estudos superiores, feitos no Brasil, em Portugal ou em outros países, como tem vindo a demonstrar o percurso profissional de muitas dezenas de meninos e meninas de então, os tais que com os seus pais se reuniam aos fins de semana na praia, privilégio ao alcance de qualquer bolsa, que a todos permitia garantir areia, mar e sol ao longo de todo o ano, tendo como única despesa alguma bebida de mate ou de limão gelado ou os deliciosos sorvetes “Itália”. No clima descontraído da beira-mar, não é assim de admirar que, mesmo em momentos de dificuldades e de incertezas de vida, acrescidos das saudades da família distante ou da pátria, raramente se tivessem registado situações de depressão ou de desespero. Parece que já tínhamos na nossa mente a frase que um dia Raul Solnado viria a dizer aos portugueses de cá: “façam o favor de ser felizes!”.

4º - À solidariedade recebida de parte dos brasileiros, na obtenção de empregos, na disponibilidade para serem fiadores, sem quaisquer garantias de nossa parte, das rendas dos nossos apartamentos, na assistência da pediatra que só aceitou cobrar honorários quando lhe disséssemos que já tínhamos condições de os pagar, juntou-se o nosso próprio sentimento de entreatajuda. Todos os que chegávamos estávamos em condições análogas: todos sem emprego, a maior parte com escassas reservas financeiras, agravadas pela limitação de saída de divisas quando se saía de Portugal. Mas em vez de agirmos como concorrentes constituímos-nos como uma grande família, sempre pronta a ajudarmo-nos mutuamente em todas as necessidades, desde a busca de trabalho a todos os tipos de apoio ao nosso alcance. Ao mesmo tempo,

muitas das mulheres que até então apenas se tinham dedicado às tarefas de donas de casa e mães de família, arregaçaram as mangas e lançaram-se ao trabalho, pondo a render os seus talentos, como cozinhar para fora ou vender artigos de beleza e outros produtos. Por tudo o que aqui deixo dito, tratou-se de uma grande lição de vida de que, creio, nenhum de nós se esquecerá jamais.

5º - Finalmente, não quero deixar de sublinhar o que escreveu Vera Moura: “entre 1982 e 1983, quase todos acabaram por voltar, prontos a reconstruir as suas vidas em Portugal”. Não duvido de que quase todos eles teriam tido a possibilidade de lá continuar, desenvolver os seus negócios, estreitar as suas relações profissionais e pessoais, proporcionar aos seus filhos boas perspectivas de futuro. Mas a verdade é que quase todos eles, quando puderam, de novo com a casa às costas e arrostando com as dificuldades próprias do recomeço de vida num país já tão diferente daquele que haviam deixado alguns anos antes, quiseram arriscar e vir dar à sua terra-mãe o seu contributo, enriquecido pela experiência, pela abertura de horizontes, pelos contactos estabelecidos, por uma visão nova das realidades que a vivência brasileira lhes proporcionara. Pelos vistos, esses portugueses e portuguesas que, pela crónica da Sábado, poderiam parecer viver num mundo onírico e frívolo, desgarrado das realidades, indiferentes às vicissitudes que Portugal experimentava, não correspondiam a essa imagem exterior que se poderia por vezes retirar desse retrato. Estou certo de que uma radiografia às suas vidas desmentiria completamente essa impressão. Por que não tentar fazê-la?

Notas

¹ <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/povoamento/portugueses/imigmassa.html>